

Notícias otimistas

E O MUNDO

JORNAL DA TARDE — 13

para a nossa dívida

Os bancos credores devem cobrar menos spread do Brasil, e o ministro Funaro está otimista com a possibilidade de uma renegociação plurianual da dívida e de novos empréstimos.



O governo brasileiro tentará obter novos empréstimos no mercado internacional, depois da reunião anual do Fundo Monetário Internacional no fim deste mês e, se o resultado depender da opinião do presidente do Conselho (chairman) do Citicorp-Citibank, John Reed (foto), sucesso do Brasil está garantido, não somente em relação a novos créditos, mas também na luta para conseguir pagar menores taxas de risco (spreads).

Segundo Reed, que é o principal executivo do maior banco credor do Brasil, os bancos privados internacionais deverão passar a cobrar menor spread do Brasil, em vista do sucesso que, no seu entender, o País vem obtendo com a adoção do Plano Cruzado. Na sua avaliação, o Brasil também poderá, rapidamente, passar a receber novos empréstimos voluntários no mercado financeiro externo.

Depois da reunião anual do FMI, o Brasil tentará também renegociar a sua dívida externa de US\$ 105 bilhões em bases plurianuais, além de buscar novos empréstimos. Essa estratégia foi antecipada a Reed, ontem, pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que o recebeu em audiência. A informação foi revelada por outro participante do encontro, o presidente do Banco Central, Fernando Bracher.

O próprio chairman do Citibank confirmou mais tarde as possibilidades do Brasil na obtenção de novos recursos e de taxas de risco mais baixas, à saída do Gabinete do presidente José Sarney, no Palácio do Planalto.

Bastante entusiasmado com o êxito que, segundo entende, o Brasil está obtendo na adoção do seu plano de ajustamento econômico, John Reed disse não ter nenhuma sugestão de correção a ser realizada. Interpelado sobre as propostas de alguns reparos feitas por outro banco norte-americano, o Morgan Guaranty Trust Company, como a adoção de um arrocho salarial e a prática de algumas medidas ortodoxas, como a elevação das taxas de juros domésticos, o chairman do Citicorp negou-se a tecer quaisquer comentários, alegando desconhecer o relatório do seu concorrente. Do mesmo modo, negou-se a entrar no mérito das sugestões apresentadas.

Atualmente o Brasil está pagando spreads de 1,125% aos bancos estrangeiros, devendo tentar reduzi-los nesta nova etapa das renegociações da sua dívida externa.

Quanto ao dinheiro novo, ou os empréstimos voluntários — excluindo-se os recursos oferecidos por entidades oficiais, como o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), e o Bird (Banco Mundial) — o Brasil não os recebe desde o início da crise de liquidez, deflagrada em setembro de 1982.

Um país diferente

John Reed, que esteve no Brasil pela última vez em agosto do ano passado, disse encontrar agora um País diferente. Como maior credor externo do Brasil, ele se diz bastante otimista na plena recuperação do País. "O pleno sucesso do Plano Cruzado — assinala — facilita enormemente as negociações da dívida externa brasileira. O mercado financeiro internacional está plenamente confiante no êxito da atual política econômica do governo brasileiro e, ao longo do tempo, o Brasil seguramente irá pagar menores spreads" — afirma Reed.

Diante desse quadro o presidente do Conselho do Citicorp se diz animado a elevar suas aplicações no Brasil — embora sem quantificá-las. "Mas a boa performance que vem sendo obtida pela economia brasileira vai de fato conduzir o País à plena normalidade, fazendo com que tenha amplo e total acesso ao mercado financeiro internacional. O sucesso do Brasil é inegável. Pode ser visto nos números", afirma o banqueiro norte-americano.

Ressaltou em seguida não haver hoje muitas opções de investimento no mundo. Além do Brasil — acentua —, destacam-se apenas mais dois países: Coreia e Formosa.

Reed disse que sua visita ao Brasil, de uma semana de duração, tem o objetivo de retomar os contatos com os seus clientes locais e com as autoridades do governo. Explica que encontrou até agora nos seus contatos, tanto com clientes como com autoridades do governo, um quadro de grande entusiasmo na recuperação da economia brasileira — quadro com o qual diz concordar plenamente.